

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: Diálogos e Intersecções entre História e Educação

Volume 21 | Número 2 | Ano/período: Maio/Agosto 2022

Edição eletrônica

DOI:10.5335/srph.v21i2.13710

ISSN: 2763-8804

“As bruxas do patriarcado”:

ressignificando a história das mulheres nos tempos da caça às bruxas

Aline Rodrigues Maroneze ¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

MARONESE, Aline Rodrigues. “As bruxas do patriarcado”: resignificando a história das mulheres nos tempos da caça às bruxas. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 21, n. 2, p.127-138, abri/set 2022.

Recebido em: 30/06/2022 | **Aprovado em:** 30/08/2022 | **Publicado em:** 19/09/2022

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Santo Ângelo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6490-5499>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3592381063809418>.

“As bruxas do patriarcado”: resignificando a história das mulheres nos tempos da caça às bruxas

Resumo

Esta pesquisa tem como enfoque principal estudar sobre o patriarcado e a sua (ir)relevância na construção de estereótipos femininos negativos, como o da bruxa. Levando em consideração que a sociedade passou por momentos históricos de violência, de domesticação e de servidão das mulheres, como o período de caça às bruxas, assim como o fato de vivermos em uma sociedade patriarcal questiona-se: qual a relevância do patriarcado no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos, a caça as bruxas contribuiu para isso? Por meio de uma abordagem hipotético dedutiva, com viés feminista, o estudo busca realizar uma pesquisa documental e bibliográfica. A partir desta escolha em termos metodológicos, busca-se compreender sobre o patriarcado e a sua (ir)relevância no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos. Assim, busca-se também compreender o período da Inquisição, momento histórico onde ocorreu a chamada caça às bruxas, a fim de conhecer quem eram estas bruxas no período do medievo, bem como compreender o momento histórico que pode ser considerado o marco inicial dessa disciplina e do controle sobre as mulheres.

Palavras-chave: Caça às Bruxas. Patriarcado. Estereótipos Femininos Negativos.

“The witches of the patriarchy”: resignifying the history of women in the time of witch hunting

Abstract

The main focus of this research is to study patriarchy and its (ir)relevance in the construction of negative female stereotypes, such as the witch. Taking into account that society has gone through historical moments of violence, domestication and servitude of women, such as the witch hunt period, as well as the fact that we live in a patriarchal society, the question is: what is the relevance of patriarchy in the control and in the discipline of women and their bodies, did the witch hunt contribute to this? Through a hypothetical deductive approach, with a feminist bias, the study seeks to carry out a documentary and bibliographic research. From this choice in methodological terms, we seek to understand about patriarchy and its (ir)relevance in the control and discipline of women and their bodies. Thus, it is also sought to understand the period of the Inquisition, the historical moment where the so-called witch hunt took place, in order to know who these witches were in the medieval period, as well as to understand the historical moment that can be considered the starting point of this discipline. and control over women.

Keywords: Witch Hunt. Patriarchy. Negative Feminine Stereotypes.

“Las brujas del patriarquado”: resignificando la historia de las mujeres en la época de la caza de brujas

Resumen

El foco principal de esta investigación es estudiar el patriarcado y su (ir)relevancia en la construcción de estereotipos femeninos negativos, como el de bruja. Teniendo en cuenta que la sociedad ha atravesado momentos históricos de violencia, domesticación y servidumbre de la mujer, como el período de la caza de brujas, así como el hecho de que vivimos en una sociedad patriarcal, la pregunta es: ¿cuál es la relevancia del patriarcado en el control y en la disciplina de las mujeres y sus cuerpos, ¿contribuyó a ello la caza de brujas? A través de un enfoque hipotético deductivo, con sesgo feminista, el estudio busca realizar una investigación documental y bibliográfica. A partir de esta elección en términos metodológicos, buscamos comprender sobre el patriarcado y su (ir)relevancia en el control y disciplina de las mujeres y sus cuerpos. Así, también se busca comprender el período de la Inquisición, momento histórico donde se desarrolló la llamada caza de brujas, para saber quiénes eran estas brujas en la época medieval, así como comprender el momento histórico que puede ser considerado el punto de partida de esta disciplina y control sobre la mujer.

Palabras clave: Caza de brujas. Patriarcado. Estereótipos femininos negativos.

Considerações iniciais

“O patriarcado tem sido uma ideologia capaz de ditar comportamentos, ações, intervir na economia, na política e em todas as esferas públicas e privadas da sociedade, mas em especial, em determinar identidades estereotipadas para as mulheres.” Rosângela Angelin; Noli Bernardo Hahn.

E estudar sobre o período do medievo e a caça às Bruxas é algo bastante desafiador, surge, dentre muitos motivos, por uma inquietação pessoal, mas também porque em espaços acadêmicos pouco é debatido sobre o estereótipo da Bruxa e sua repercussão negativa na vida das mulheres da atualidade.

A imagem da bruxa traz consigo uma paradoxalidade a depender de quem a observa, já que para o patriarcado a figura da Bruxa vem representar indisciplina, insubordinação, dentre outros adjetivos depreciativos, em contrapartida, para os movimentos feministas, a Bruxa simboliza resistência, força e liberdade. Nesse sentido, o objetivo geral deste ensaio teórico busca estudar sobre o patriarcado e a sua (ir)relevância na construção de estereótipos femininos negativos, como o da bruxa.

Levando em consideração que a sociedade passou por momentos históricos de violência e de domesticação e de servidão das mulheres, como o período de caça às bruxas, assim como o fato de vivermos em uma sociedade patriarcal questiona-se: qual a relevância do patriarcado no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos, a caça as bruxas contribuiu para isso?

Por meio de uma abordagem hipotético dedutiva, com viés feminista, o estudo busca realizar uma pesquisa documental e bibliográfica. A partir desta escolha em termos metodológicos, busca-se compreender sobre o patriarcado e a sua (ir)relevância no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos. Assim, busca-se também compreender o período da Inquisição, momento histórico onde ocorreu a chamada caça às bruxas, a fim de conhecer quem eram estas bruxas no período do medievo, bem como compreender o momento histórico que pode ser considerado o marco inicial dessa disciplina e do controle sobre as mulheres.

A sociedade patriarcal e a sua (ir)relevância no controle e na disciplina das mulheres

A pesquisa tem como ponto de partida o estudo sobre o sistema patriarcal, uma vez que é preciso entendê-lo para que só então possa ser compreendida sua relevância no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos.

O sistema patriarcal surge como forma de supremacia dos homens sobre as mulheres, embora isso parece acontecer desde sempre, o patriarcado é algo que pode ser considerado recente, provando que a sociedade nem sempre foi patriarcal e de exploração sob as mulheres: “O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina [...]” (SAFFIOTI, 2015, p. 145).

Sobre a definição de patriarcado vale-se aqui dos ensinamentos de Saffioti (2005), já que a autora vai afirmar que o patriarcado enuncia o ideal de dominação de homens sobre as mulheres, e a autora pondera que o:

Patriarcado exprime, de uma só vez, o que é expresso nos outros termos, além de trazer estampada, de forma muito clara, a força da instituição, ou seja, de uma máquina bem azeitada que opera sem cessar e, abrindo mão de muito rigor, quase automaticamente. (SAFIOTTI, 2005, p. 38).

Assim, “O patriarcado não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião [...]”. (MURARO, p.55, 2000). Portanto, estabelecer um estudo sobre o patriarcado é algo de enorme complexidade, porque ele está presente em toda estrutura social, não ficando restrito apenas ao aspecto do gênero, mas atingindo desde a educação à questões religiosas, econômicas e raciais.

Neste caminhar, percebe-se que o patriarcado se utiliza de questões sociais, religiosas, culturais e políticas para naturalizar o controle e a disciplina das mulheres, esta exploração se dá por muitas razões dentre elas a função reprodutiva, já que são somente as mulheres os seres capazes de gerar a vida. Esta exploração da qual as mulheres são as maiores vítimas, não ocorre desde sempre, ela também foi forjada durante a Idade Média com o período inquisitorial e de caça as bruxas, como será visto mais adiante.

Para além da questão da dominação/subordinação, o patriarcado também denota sobre a objetificação do corpo feminino, já que a mulher é vista apenas como procriadora de novas pessoas, sendo que estas pessoas serão futuramente força de trabalho, se forem homens, e reprodutoras, se forem mulheres:

as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também enquanto

grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma de dominação com exploração é aqui entendida como opressão. Ou melhor, como não se trata de fenômeno quantitativo, mas qualitativo, ser explorada e dominada significa uma realidade nova (SAFFIOTI, 2005, p. 42).

Um ponto bem relevante sobre a sociedade patriarcal é que ela pode ser dividida em duas partes distintas, mas que acabam por se complementar, esta divisão refere-se à sociedade da produção, que de maneira muito dedutiva se refere aos homens, pois eles são os responsáveis por garantir e produzir o sustento do lar, e a da reprodução, que de maneira também muito dedutiva, se refere às mulheres, as únicas pessoas com o poder de gerar a vida. Sobre isso: “A sociedade se encontra estruturada em dois gêneros, o que produz e reproduz a vida humana, e o que produz e administra os meios que permitem a ampliação da vida humana ou sua destruição massiva.” (IZQUIERDO, 1998, p. 51, tradução própria).

É preciso referir o que Manuel Castells (1999, p. 169), afirma sobre a lógica patriarcal, para ele, esta ideologia está presente em muitos componentes da sociedade, tanto nas do passado como da atualidade, isso vai desde à família, cultura, trabalho, economia, política, entre outros, o que acaba por estruturar todo o funcionamento da sociedade e o próprio movimento das pessoas dentro dessa sociedade:

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura.

O patriarcado é, portanto, muito mais que uma ideologia, mas uma estrutura de poder sutil, já que através de uma construção cultural histórica aprendemos a naturalizar o domínio dos homens sobre as mulheres. Dessa forma, o patriarcado seria uma:

organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril) (COSTA, 2008).

Falar sobre a ideologia e a estrutura patriarcal também é falar sobre poder, e sobre este jogo de poder Michel Foucault (1999), vai afirmar que ele não é algo que se conquista ou se divide, mas a

estrutura do poder está atrelada à ideia de hierarquia e submissão, podendo ser definido como uma correlação de forças focadas no controle e na opressão, esta estrutura está presente em todas as relações humanas, sejam sociais, políticas familiares ou sexuais:

que o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediato das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações (FOUCAULT, 1999, p. 89).

Mas o que tudo isso tem a ver com o período inquisitorial de caça as bruxas? Tudo, porque na época do medievo a Igreja Católica havia perdido poder e precisava se reafirmar enquanto única religião, assim como o Estado buscava uma mudança do sistema econômico do Feudalismo para o Capitalismo, e as mulheres apresentavam riscos à concretização de seus ideais de poder, para que nada desse errado era preciso controlá-las e discipliná-las. Este é um debate que será feito logo a seguir.

Conhecendo um pouco da (verdadeira) história sobre as bruxas

Neste segundo momento da pesquisa tem-se como objetivo conhecer um sobre a história das bruxas, uma vez que tudo isso ainda encontra-se quase que desconhecido por parte da sociedade, que ainda acredita que as bruxas eram as mulheres más dos contos infantis. Buscando desmistificar a figura das bruxas é que pretende-se estudar sobre o assunto.

A crença em bruxas se originou através do protótipo da feiticeira, que foi se formando na mente dos medievais como algo diabólico, a partir disso, qualquer peste ou tragédia que surgisse naquele lugar era creditado àquelas mulheres e a sua aliança com o demônio (MURARO, 2000).

Diante da construção da figura da mulher como bruxa, seguidas de narrativas estereotipadas referentes a ela, começou a se formar e a prevalecer no imaginário da coletividade, a figura da bruxa, como sendo uma mulher perversa e malvada, justificando-se, através do medo, comportamentos misóginos, desrespeitosos e violentos contra as mulheres, pois acreditava-se que a mulher estava alinhada às forças das trevas para trazer desgraça e maledicência para a sociedade cristã (MURARO, 2000).

Um ponto muito relevante do período da caça às bruxas é o movimento que ocorria de transição econômica, na Idade Média a base da economia era o feudalismo, e começavam os primeiros movimentos para o implemento do capital como política econômica. Claro que a caça as bruxas na ocorreu baseada somente nisso, mas numa série de outros fatores dentre eles a perda de poder político e religioso da Igreja.

Assim, para que a Igreja retomassem o poder perdido, e para houvesse mudança no sistema econômico, “o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher obeh que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos a se rebelarem” (FEDERICI, 2017, p. 14).

Ao contrário do que nos fizeram acreditar nas aulas de história, o capitalismo não surgiu de forma pacífica, tampouco de forma gradual e suave, para que este sistema econômico pudesse se impor se derramou muito sangue inocente. Sobre isto, Silvia Federici (2017, p. 44) vai ponderar que “o capitalismo não foi o produto do desenvolvimento evolutivo que deu à luz forças que estavam amadurecendo no ventre da antiga ordem, [...] o capitalismo foi uma resposta dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e dos papas [...]”

Conforme aduz a autora supra citada, o capitalismo não se trata de uma consequência do desenvolvimento, ou seja, não se trata de uma evolução do feudalismo para o sistema do capital, mas de uma resposta dada pelos poderosos da época, que viam seu poder ameaçado.

Diante disso, pode-se afirmar que o capitalismo foi uma espécie de reação e manobra dos poderosos para conter a perda do controle, uma vez que havia em curso uma luta antifeudal, esta luta antifeudal tinha ativa participação das mulheres. Assim, o capitalismo se tratava de uma “contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal, possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo [...]” (FEDERICI, 2017, p. 44).

As mulheres possuíam participação de grande importância no embate antifeudal, elas questionavam o modelo imposto e lutavam por modos de vida alternativos, assim “é na luta antifeudal que encontramos o primeiro indício na história européia da existência das raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal. (FEDERICI, 2017, p. 45).

A mobilização das pessoas contra o feudalismo causou impactos importantes na sociedade da época, uma vez que houve “as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens.” (FEDERICI, 2017, p. 45).

As mulheres daquela época começaram a incomodar aqueles que teriam privilégios com a implantação do capitalismo, suas mobilizações ganhavam força e começava a colocar em riscos os interesses de homens poderosos, uma vez que o movimento de mulheres lutava por relações igualitárias, mas também contra a servidão, “estas formas conscientes de transgressão social construíram uma poderosa alternativa não só ao feudalismo, mas também a ordem capitalista que estava substituindo o feudalismo [...]” (FEDERICI, 2017, p. 45).

Antes de todo o massacre promovido pela Igreja, as mulheres, denominadas como bruxas, tinham poder sobre seus corpos e sobre as suas atribuições reprodutivas. Portanto, buscando obter o controle sobre o corpo das mulheres e sobre suas funções de criação e reprodução foi promovida toda a matança orquestrada pela Igreja e anuída pela sociedade e Estado, também “foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade”. (FEDERICI, 2017, p. 334).

A caça às bruxas tem como marco inicial a implementação pela Igreja do que foi chamado de “Santa” Inquisição, onde a partir disso criou-se os Tribunais de Inquisição destinados à expurgar da Terra todo mal e todo pecado, tudo isso com a personificação presente, em sua maioria, nas mulheres.

Com a criação dos Tribunais Inquisitoriais e alicerçados no apoio estatal, a Igreja Católica passou a prender, torturar e matar todos e todas que representassem qualquer risco à doutrina cristã. A penalidade poderia mudar, mas ia desde a prisão até a condenação à fogueira. (FEDERICI, 2017).

Durante a existência dos Tribunais de Inquisição, muitas pessoas, sobretudo mulheres, foram torturadas, presas, queimadas e mortas violentamente por estarem sob a acusação de bruxaria. Contudo, outras pessoas também sofreram com o período inquisitorial, como as crianças, caso houvesse suspeita de padecerem do mal da bruxaria, ou caso carregassem algum sinal de nascença, como pintas, verrugas ou cicatrizes. (PERROT, 2008).

Para a Igreja do medievo as bruxas eram perigosas e precisavam ser exterminadas pois causavam o mal e representavam risco às pessoas de bem e tementes à Deus, um deus que representava muito bem os ideais patriarcais:

Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios e entregavam sua alma para o diabo (ZORDAN, 2005, p. 332).

Mas quem eram as bruxas? Para a Igreja e para o patriarcado as bruxas eram mulheres malignas, com pacto diabólico com a intenção de causar mau à toda a sociedade cristã. Contudo, ao que se percebe essa imagem da bruxa foi criada pela Igreja buscando controlar as pessoas através do medo, o uso da violência extrema serviu para tentar domesticar as pessoas daquela época introjetando na mentalidade coletiva os valores cristãos, já que tudo foi feito em nome de Deus. No entanto, ao que se percebe pelo estudo de sociólogas e antropólogas, as bruxas eram mulheres comuns que não se submetiam à Igreja e se recusavam a seguir o ordenamento cristão, além das mulheres que detinham o conhecimento sobre o valor medicinal dos chás e das ervas, portanto a bruxa era: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente” (FEDERICI, 2017, p. 22).

Deste modo, o patriarcado e a Igreja acabaram por reforçar que a bruxaria era algo que dizia respeito às mulheres más, perversas, adúlteras e obscenas, conforme traz a passagem do livro O Martelo das Feiticeiras, o manual criado pela Igreja e usado pelos inquisidores para identificar e punir as Bruxas:

Cumprir dizer, conforme se demonstrou na Questão precedente, que três parecem ser os vícios que exercem um domínio especial sobre as mulheres perversas, quais sejam a infidelidade, a ambição e a luxúria. São estas, portanto, mais inclinadas que as outras à bruxaria, por mais se entregarem a tais vícios. Como dentre esses três vícios predomina o último, por serem mulheres insaciáveis etc., conclui-se que, dentre as mulheres ambiciosas, as mais profundamente contaminadas são as que mais ardentemente tentam saciar a sua lascívia obscena: as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas dos Poderosos (KRAEMER; SPRENGER, 2016, p. 116).

A violência contra as mulheres se perpetua através dos tempos, existem muitas explicações para isso, dentre elas o discurso patriarcal que de certa forma estimula esse tipo de agressividade contra o sagrado feminino, esse assunto será tratado na próxima seção dessa pesquisa. Contudo, para a autora Riane Eisler (2007, p. 91), a “guerra e outras formas de violência social continuaram a desempenhar um papel central no desvio de nossa evolução cultural do sentido da parceria para o da dominação”.

Conforme já evidenciado, anteriormente, não foi somente a sabedoria e o poder feminino que despertou a ira da Igreja, mas também a influência social que essas mulheres detinham junto à sua comunidade, bem como o livre exercício da sexualidade feminina, inconcebível para a Igreja da época frente a sua visão teocrática do mundo. A Igreja precisava retomar o poder, e viu na punição às mulheres livres, uma forma de controle, conforme versa Muraro:

Num mundo teocrático, a transgressão da fé era também a transgressão política. Mais ainda, a transgressão sexual que grassava entre as massas

populares. Assim, os Inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso (MURARO, 2015, p. 19).

Sobre o conhecimento medicinal ancestral dessas mulheres, consideradas bruxas perante os olhos da Igreja, Jules Michelet (2003) esclarece que essas mulheres sábias eram a única alternativa da população carente, desprovida de condições de pagar fortunas para ter acesso a um médico, naquela época. O autor destaca que a medicina, durante um longo período, era exercida por mulheres:

O único médico do povo, durante mil anos, foi a feiticeira. Os imperadores, os reis, os papas, os mais ricos barões tinham alguns médicos de Salerno, mouros, judeus, mas a massa de todo o Estado e, pode-se dizer, todo o mundo, consultava apenas a saga ou a mulher sábia. Se ela não curava, injuriavam-na, taxavam de feiticeira [...] (MICHELET, p. 30, 2003).

A citação acima vem demonstrar que essas mulheres detinham conhecimento sobre o poder da cura através das ervas e plantas medicinais. Em muitos momentos, esses tratamentos naturais eram exitosos, contudo, quando não surtiam a eficácia esperada essas mulheres eram chamadas de bruxas e feiticeiras.

Assim, durante a existência dos Tribunais de Inquisição, muitas pessoas, sobretudo mulheres, foram torturadas, presas, queimadas e mortas violentamente por estarem sob a acusação de bruxaria, contudo outras pessoas também sofreram com o período inquisitorial, como as crianças, caso houvesse suspeita de padecerem do mal da bruxaria, ou caso carregassem algum sinal de nascença. (PERROT, 2008).

Diante de tudo o que fora estudado, pode-se afirmar que a caça às bruxas abriu caminho para que se instituísse o patriarcado e o sistema capitalista, numa sociedade em que o sistema econômico era baseado, sobretudo, na ideia de ruralidade e parceria. Foi também, a partir disso, que foi instituída a lógica de que à mulher é destinado o espaço doméstico, ao lado da família e do marido. Bem como, a criação e o reforço dos estereótipos negativos ligados à figura da mulher como Bruxa, que permanece vivo no imaginário coletivo através do arquétipo da Bruxa enquanto feiticeira, impiedosa e alinhada ao Demônio.

Considerações finais

A temática sobre a bruxa, ainda está envolta a muitos mistérios, tabus e preconceitos. O arquétipo da bruxa ainda paira no inconsciente coletivo como algo negativo e demoníaco, mas esta construção começa na Idade Média, quando Estado e Igreja buscam a retomada do poder e o controle sobre estas mulheres e seus corpos através de violências e mortes cruéis.

Nesse sentido, pesquisas sobre este assunto são de grande relevância acadêmica e social, já que de forma hipotética as mulheres atuais continuam sofrendo o período inquisitorial todas as vezes que são vítimas de violências e desrespeito.

Ao final da pesquisa percebe-se que, tanto o patriarcado foi relevante para que se estabelecesse o controle e a disciplina das mulheres e de seus corpos, quanto o evento da caça às bruxas, que pode ser considerado um marco desta disciplina e controle das mulheres, algo que começa com a imposição de uma determinada conduta e religião, através do medo e da violência, quando a Igreja que cria os Tribunais de Inquisição, buscando promover a caça às bruxas (apenas mulheres que lutavam por sua liberdade) e então garantir o rumo social, religioso e econômico desejado para a sociedade.

Assim, em nome de Deus e da Igreja se justificaram muitas violências, sobre o pretexto de que o clero estaria expurgando o mal da Terra e livrando a sociedade da ameaça demoníaca que as bruxas passaram a representar (essa imagem negativa foi forjada na Idade Média durante os Tribunais do Santo Ofício, ou conhecida como Inquisição, através da violência e do medo, se impregnou no inconsciente coletivo a figura da bruxa ligada ao mal e ao pecado). Contudo, não havia nada de sobrenatural, demoníaco ou mágico com estas mulheres, eram mulheres comuns, que conheciam o poder curador das ervas medicinais e dos chás, algumas eram benzedadeiras, parteiras, no entanto, por representarem uma ameaça aos ideais de poder da época, pagaram com suas vidas por sua insubordinação e resistência por não sucumbirem aos preceitos cristãos.

Por fim, o reforço dos estereótipos negativos com relação à bruxa, segue vivo no imaginário coletivo ainda hoje, e isso é percebido claramente através das produções artísticas e cinematográficas, nas músicas, nos contos infantis e em alguns espaços religiosos que continuam a reproduzir o estereótipo da Bruxa ligado à insubordinação, à maldade e ao sobrenatural das trevas, o que de certa forma, autoriza reproduções de violências, seja por ignorância, seja por intolerância, mas esta discussão fica para outro momento.

Referências bibliográficas

- CAMURÇA, Sílvia. Nós Mulheres “e nossa experiência comum”. In: **Cadernos de Crítica feminista: reflexões feministas para transformação social**. Ano I. nº 0. Recife: SOS Corpo, 2007.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Ed. PAZ E TERRA, 1999.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Salvador: Neim; Ufba, 1999. Disponível em: <http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.
- EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- FEDERICI, Sílvia. **O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. trad. Coletivo Sycorax. Editora Elefante: São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- IZQUIERDO, María Jesús. **El malestar em la desigualdade**. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998.
- KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das Feiticeiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003.
- MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015, p. 9-22
- MURARO, Rose Marie. **Textos da fogueira**. Belo Horizonte: Letraviva, 2000.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero e Patriarcado. In: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Sueli de. **Marcadas a Ferro: violência contra a Mulher. Uma Visão Multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. pp. 35-76.
- ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, 2005.